

BIRCHAL, Telma de Souza. *O eu nos Ensaios de Montaigne*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007. 263 p.

*Olimpio Pimenta**
olimpix@ig.com.br

O desafio aberto pela proposição “conhece-te a ti mesmo” suscita entre os filósofos abordagens muito variadas e, não raro, nem sequer suficientes para a correção de umas pelas outras. Seu enfrentamento demanda a difícil combinação entre bom-senso e perspicácia, atenção ao pormenor e capacidade de distanciamento, a ser alimentado por um ânimo em que devem convergir o talento para lidar com o complexo e a aptidão para a simplicidade, sem malbaratar os recursos teóricos compatíveis com o desenvolvimento de cada um deles. Mobilizando no espírito que se lança a ela possibilidades paradoxais, a tarefa talvez se apresente melhor como configuração clara dos termos de um enigma do que como solução ou equacionamento de um problema –seu horizonte parece infinito.

Ao final de uma primeira leitura, o que impressiona neste *O eu nos Ensaios de Montaigne*, de Telma Birchall, são a força e a consistência dos resultados obtidos na interpretação do tema da “pintura de si”, tópico central, nos *Ensaios*, para tudo o que concerne à questão clássica referida acima. A evidente familiaridade com o conjunto da obra montaigneana dota a pesquisa de grande abrangência, que vem secundada por um uso criterioso do fôlego analítico necessário para sua consecução. Não menos importante, o diálogo com a fortuna crítica do autor é também fecundo e bem dosado, promovendo uma circulação segura entre as diversas polarizações que balizam o campo de estudo em que se transita. O saldo mais notável disso é a realização autorizada de um percurso próprio com o potencial de reordenar as perspectivas de acesso ao assunto tratado. Pois os deslocamentos que calçam o passo do texto

* Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Ouro Preto.

sublinham a maturidade do trabalho, tornando bastante plausível a figuração da subjetividade que nele se constrói.

A montagem do problema, para começar, é muito feliz. Após inspecionar brevemente as características que convertem o cartesianismo num marco incontornável para pensar a questão do sujeito – sem descuidar de sua inscrição histórica relativa aos antigos e aos demais modernos –, a autora estabelece sua pedra de toque. Não obstante a relevância da dimensão epistemológica aí envolvida – contemplada inclusive por Montaigne, como se sabe –, o âmbito em que a matéria se desdobra é, preferencialmente, o da moral. Não é uma inflexão fácil e nem decide as coisas de uma vez por todas, como atesta a atenção continuada que se verifica ao longo de todo o livro em relação à validação dos discursos e à determinação exata de seus estatutos. Em todo caso, o exame preliminar da “Apologia de Raymon Sebon” conforma com nitidez o quadro em que estamos nos movimentando, pois esclarece de modo amplamente defensável o significado do ceticismo do filósofo, em vista do andamento posterior da composição de sua “pintura de si”. A instanciação da seqüência de objeções e trélicas à teologia de Sebon permite que se focalizem com precisão as opiniões em jogo a respeito das possibilidades da razão em relação à verdade. O dilema que envolve pirrônicos e dogmáticos é saneado pala crítica montaigneana e sua superação se dá em direção a outras paisagens. Legitima-se, assim, a passagem às próximas etapas da reflexão, em que as preocupações éticas são preponderantes.

Ainda uma vez, a escolha dos ensaios de referência revela-se oportuna para os fins em vista. O acento, por assim dizer, comparatista presente em “Dos canibais” e “Da arte de conversar” permite que se entenda a escrita em investigação para além de rubricas simplificadoras, como relativismo e naturalismo. As experiências do contraste e da alteridade, tomadas a favor de uma construção ativa de si, rechaçam a caracterização de Montaigne como um relativista a mais. A ausência de fundamentação epistêmica, a essa altura novamente justificada, não conduz à anulação da subjetividade, mas, ao contrário, desimpede o caminho para seu exercício. Fica claro também que a pluralidade de ângulos empregados pelo filósofo não se resolve através de uma redução do que se lê a uma cifra meramente naturalizada. Em suma: não se trata de calibrar o compasso de Protágoras, mas de mapear o curso da navegação com outros instrumentos, de modo a passar ao largo de exigências exorbitantes no tocante à verdade.

Embora sem fundamentos, o saber não chega a existir sem exame. E uma modalidade promissora deste é a conversação – ou debate – na qual a aliança agonística dos interlocutores milita contra a tirania dos que se julgam de posse

da verdade. Além disso, a autora nos mostra o sentido pedagógico da conversa e indica quais são as credenciais que podem contribuir para a validação das opiniões lá expressas. Ao se medir com seu amigo/adversário, um homem de bem tende a reconhecer as limitações inerentes a si mesmo, aprendendo a observar-se e aos seus afetos e pontos de vista a distância. Desse exercício recolhe-se algo extraordinário: o compromisso com a própria integridade. Bem entendido, não se trata de uma gravação lapidar em uma base substantiva, mas apenas da freqüentação de uma escola de probidade. Vale apontar, por curiosidade, que o Nietzsche de *Ecce Homo* tem suas cores muito realçadas à luz do que se lê aqui.

O tratamento específico dos objetivos fixados de início dá ensejo ao ponto alto do livro. Em torno da “pintura de si” e da qualificação de “O eu dos *Ensaio*s” articula-se a vertente mais propriamente propositiva do estudo, pela qual somos inteirados dos contornos e dos elementos constitutivos da subjetividade a partir de Montaigne. O senso de colocação da autora prova-se outra vez um guia confiável: equidistante das problematizações subordinadas a uma filosofia da representação, ela evita os equívocos simétricos da substancialização do sujeito e de seu esvaziamento ou anulação completos. Somente sob a lógica da definição da unidade essencial sob as aparências, afinal demasiado metafísica, tais leituras seriam conseqüentes – e este não é, definitivamente, o caso. Por outro lado, também consciente das fragilidades implicadas nos modos antigo e moderno de lidar com o sujeito – em bloco: ali, alma reificada, objeto entre objetos; aqui, coisa pensante ou, no pólo extremo, apenas “feixe de sensações” – o texto oferece sua versão sobre o que quer dizer “pintar a passagem”. Nem entusiasmo e nem renúncia, mas atividade criativa, que enreda as vivências e as experiências do corpo, o pensado e o provado numa trama narrativa que nos dá a chance de situarmo-nos no mundo em nome próprio.

A retomada do livro, em segundas leituras, reserva-nos ainda algo a dizer. Os *Ensaio*s exibem a feição de um labirinto para o leitor desavisado. Saber quem fala ali é dispor de um fio de ouro. Ora, uma reconstrução sóbria desse sujeito, sem ornamentos mas não sem elegância, assinala um tento importante. O proveito que se tira dessas páginas rigorosas e serenas serve não só para o erudito dedicado a Montaigne, mas para todos os contemporâneos interessados em uma nova configuração da subjetividade. O belo retrato de que dispomos agora, amálgama do filósofo e de sua obra – evocando para nós mais Jan van Eyck que Francis Bacon – pode decerto nos valer como exemplo para a formação de uma imagem/identidade menos obscura de nós mesmos.